

Turismo Cultural e Patrimônio: O Chá Imperial no Museu Casa da Hera.

Cultural Tourism and Heritage: Casa da Hera Museum's Imperial Tea

ADALGISO SILVA SILVEIRA¹ MIRIAN REJOWSKI²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v8i4p451>

RESUMO

Esta pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, objetivou resgatar a trajetória do Chá Imperial do Museu da Casa da Hera, no município de Vassouras, RJ, como modelo que estimulou e influenciou eventos atuais do turismo cultural na região. A fundamentação teórica baseia-se em bibliografia sobre turismo cultural e interpretação do patrimônio. O estudo de caso sobre o Chá Imperial da Casa da Hera centra-se em pesquisa documental e entrevistas abertas com os envolvidos pela sua criação e funcionamento. O evento é descrito e analisado à luz da ambientação de base história ou história viva, compondo um modelo de interpretação do patrimônio histórico-cultural para o desenvolvimento de atrações turísticas. Principal atração turística de Vassouras e do próprio Museu entre 1989 e 2002, sua continuidade foi comprometida por falta de recursos financeiros e humanos. No entanto, seu formato foi adotado como modelo para eventos similares em outras propriedades rurais da região.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo cultural. Patrimônio histórico. Interpretação do patrimônio. História viva. Vassouras, RJ, Brasil.

ABSTRACT

This qualitative exploratory-descriptive research aims to rescue the past history of Casa da Hera Museum's Imperial Tea, in the city of Vassouras, RJ, as a model that encouraged and influenced current events of cultural tourism in the region. Theoretical framework is based on literature about the interpretation of heritage and cultural tourism. The case study focused on Casa da Hera Museum's Imperial Tea focus on documental and open interviews with those involved in its creation and operation. The event is described and assessed in the light of the historical basis ambience or living history, composing a model of interpretation of historical and cultural

¹ **Adalgiso Silva Silveira** – Doutor. Estágio Pós-Doutoral Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7334486548122290>. E-mail: adaltour@usp.br

² **Mirian Rejowski** – Doutora. Professor e Pesquisador Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista Produtividade CNPq. Currículo <http://lattes.cnpq.br/8468269699377558>. E-mail: mirwski@gmail.com

heritage to develop tourist attractions. The Casa da Hera Museum's Imperial Tea was represented. It became the main tourist attraction of Vassouras and of the museum itself from 1989 to 2002, but had its continuity ended due to the lack of financial and human resources. However, its model was adopted in similar events in rural properties in the region.

KEYWORDS

Cultural Tourism. Heritage. Interpretation of Heritage. Living History. Vassouras, RJ, Brazil

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre o turismo em propriedades rurais do Vale do Paraíba aparecem com maior frequência a partir de 2000, com foco ora no Vale Paulista, ora no Vale Fluminense. César e Stigliano (2000) abordaram o desenvolvimento do turismo no espaço rural do Vale do Paraíba Paulista a partir de experiências em países europeus e no Brasil. Delamaro (2002) estudou a sustentabilidade nas fazendas históricas da época do apogeu do Ciclo do Café no século XIX, no Rio de Janeiro, cadastradas no Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba [Instituto Preservale]. Whitaker et al. (2011) abordaram a região em ambos os Estados, destacando suas “tradições históricas, por um rural ainda bucólico e pela hospitalidade dos seus moradores” (p. 92), ainda pouco conhecida nos circuitos do turismo cultural.

Isolada por barreiras geográficas consideráveis, a região apresenta dois aspectos: (a) o renascimento da natureza após a decadência do café, com santuários ecológicos que apontam na direção da sustentabilidade ambiental; (b) a formação de uma cultura em dois tempos históricos: refinamento herdado dos barões do café, paradoxalmente ligado à rusticidade do rural, e modernidade derivada da sua proximidade com os grandes centros (Whitaker et al., 2011). A realidade do turismo no Vale do Paraíba Paulista e Fluminense difere em termos de desenvolvimento turístico. Enquanto no lado fluminense o Instituto Preservale promoveu inicialmente e estimulou a organização do turismo nas propriedades rurais, no lado paulista, apesar das propriedades terem as mesmas características histórico-culturais daquelas, não houve uma ação integradora.

Tendo como foco desta pesquisa o turismo histórico-cultural no espaço rural no Vale do Paraíba Fluminense, destacam-se os estudos de Silveira (2002, 2007, 2015) sobre as fazendas imperiais da região desde o início da década de 2000. O autor tratou da interpretação patrimonial como alternativa de revitalização dos museus e casas históricas (Silveira, 2002), da consolidação de um polo turístico regional tendo como principal atração as fazendas remanescentes do ciclo do café (Silveira, 2007), e da oferta de produtos turísticos dessas fazendas, alguns inspirados no evento pioneiro denominado Chá Imperial da Casa da Hera (Silveira, 2015; Silveira & Rejowski, 2015).

Considerando a relevância do Chá Imperial da Casa da Hera no desenvolvimento do turismo cultural na região, desenvolveu-se uma pesquisa exploratório-descritiva (Dencker, 2007), de caráter qualitativo, com o objetivo de resgatar a trajetória desse evento e caracterizá-lo como modelo referencial de interpretação patrimonial. Trata-se de um estudo de caso único (Yin, 2005), baseado em bibliografia, documentos e entrevistas abertas com os seus idealizadores e responsáveis pelo seu funcionamento.

Este artigo se inicia com uma síntese de estudos sobre a interpretação do patrimônio no século XX, e em seguida aborda a comunicação interpretativa, com destaque para a história viva ou ambientação de base histórica. Com foco na pesquisa empírica, explicita as suas etapas e estratégias, e descreve e analisa os seus resultados a partir de dois tópicos: concepção e definição do episódio; e formato e elementos da encenação. O evento objeto de estudo foi realizado entre 1989 e 2002, cujo sucesso transformou o museu na principal atração da região, colocando em discussão o papel do museu Casa da Hera, fato que contribuiu parcialmente para o seu encerramento.

INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO E TURISMO CULTURAL

As técnicas de interpretação do patrimônio [ou seja, a comunicação interpretativa] foram introduzidas no Brasil em 1983, quando a museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, então chefe da Divisão do Acervo Histórico e Artístico do Museu Imperial de Petrópolis, em viagem de estudos participou de experiência semelhante desenvolvida nos departamentos de Meio Ambiente e de Educação e Ciência, da Universidade de Exeter [Inglaterra]. Nesse mesmo ano foi realizado no Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, o 1º Congresso de Educação Patrimonial, inspirado no trabalho pedagógico denominado Heritage Education, desenvolvido naquela universidade (Horta, Grunberg & Monteiro, 1999).

Os estudos orientadores da moderna interpretação começam com os trabalhos de Enos Abijah Mills [1870-1932] e Freeman Tilden [1883-1980], publicados nos Estados Unidos. O primeiro, autor do livro *Adventures of a Nature Guide and Essays in Interpretation* [1920], foi um naturalista conhecido no Rocky Mountain National Park, que definiu um conjunto de “princípios dos fundamentos filosóficos da interpretação” (Costa, 2014, p.104). O segundo, escritor e dramaturgo, foi chamado pelo National Park Service para estudar e escrever sobre interpretação, o que resultou no livro *Interpreting our Heritage* [1957], no qual estabelece seis princípios da interpretação, e define-a como uma atividade que objetiva “revelar significados e inter-relações por meio do uso de objetos originais, experiências de primeira mão e meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informações fatuais” (Tilden, 2006, p. 35).

Na década de 1970, a prática da interpretação se expandiu para outras áreas do ambiente urbano como monumentos, edifícios e sítios históricos, e até vilas e cidades (Murta & Albano, 2002). Mas é a partir de 1980 “que passam a apresentar histórias e lendas locais através de uma variedade de técnicas, inclusive com base em interpretação ao vivo” (Murta & Albano, 2002, p.15). No final da década de 1990, destaca-se a realização de conferência internacional sobre a apresentação e interpretação do patrimônio na Europa, na Universidade de Bournemouth [Inglaterra], na qual se lançou a proposta de criação de uma rede europeia para a interpretação do patrimônio, instituída oficialmente em 2000 em um congresso na Alemanha (Murta & Albano, 2002).

A expansão e aplicação do método interpretativo proposto por Tilden em 1957, provocou o aumento da bibliografia sobre o tema a partir da década de 1970, com maior crescimento nas duas décadas seguintes. Costa (2014), por exemplo, destaca o livro *Interpretation for the 21st Century*, de Beck e Cable, publicado em 1998 que atualizou a proposta de Tilden, apresentando mais nove princípios interpretativos. Relacionando a interpretação do patrimônio ao desenvolvimento do turismo cultural, Pérez (2009) trata-a como método, considerando-a um meio de comunicação de conteúdos culturais direcionados a determinado público, que busca o sentido do lugar ao lado de reconhecer os habitantes, ou seja, a identidade e o território.

No Brasil a literatura sobre o assunto é mais recente, conforme apontado por Costa (2014), que destaca duas obras referenciais: *Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia* (Murta & Goodey, 1995) e *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar* (Murta & Albano, 2002). Nesta última obras os autores definem o ato de interpretar o patrimônio como sendo “mais que informar”, ou seja, “é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade” (Murta & Goodey, 2002, p.13).

Neste artigo, compreende-se “a interpretação do patrimônio como uma atividade de aprendizado que ocorre através da comunicação de significados sociais e culturais por meio da recreação que promove a educação”, e do “uso de técnicas específicas, baseadas em experiências práticas e ilustrativas em sítios de relevância histórica e cultural” (Araujo, 2008, p. 58), que dependem do “lugar ou objeto a ser interpretado e do público a que se destina” (Murta, 2002, pp.17-18). Nesse sentido, é tratada por Schlüter e Winter (1993) que distinguem os seus componentes em áreas protegidas no contexto turístico, tendo como base o processo de comunicação com base em dois tipos de mídias: (a) pessoais ou personalizadas, nas quais não há a presença do intérprete e são utilizados equipamentos e materiais como painéis, computadores, exposições e material gráfico; (b) impessoal ou não personalizada, nas quais há a presença direta do intérprete com o qual o visitante interage no decorrer das atividades como palestras interpretativas, imaginação guiada, passeio orientados, trilhas interpretativas, demonstrações e história viva (Costa, 2014)³.

Considerada como método ou técnica de interpretação patrimonial, destaca-se a história viva [*living history*], que visa “reviver a história do local, por meio da combinação de demonstrações, palestras, conversações e recriações, teoricamente fundamentadas na interação entre o sítio histórico, o intérprete e o visitante” (Costa, 2014, p. 181). Para Boardman (2001, *apud* Costa, 2014, p. 182-183), a história viva se baseia em um conjunto de técnicas interpretativas, com destaque para “aquela na qual os intérpretes se vestem inteiramente com minuciosas reproduções de trajes do período histórico interpretado”, agem tal qual o “personagem (real ou interpretado) do passado” e usam “até mesmo sotaques e termos apropriados”, interpretando “em uma estrutura reconstruída ou restaurada e devidamente mobiliada de acordo com o período”.

Pires e Basso (1992) denominam de forma diferente, propondo o termo ambientação de base histórica, cuja característica principal é a criação de uma atmosfera específica, levando o visitante a escapar da sua rotina do dia a dia mediante experiências não cotidianas, e proporcionando o seu maior envolvimento e participação ativa. Essa ferramenta permite uma mudança no enfoque tradicionalmente dado ao patrimônio histórico, mediante utilização mais voltada às necessidades e desejos dos visitantes, e pode dar outras funções para o melhor aproveitamento dos bens patrimoniais para fins turísticos. Faz uso de recursos como cenografia, vestuário, iluminação, música, alimentação e dramatização, mas não pode ser confundida com o mero teatro, que também pode ocorrer no interior de um bem histórico.

Pires (2001) coloca ainda que a ambientação é usada como estratégia de marketing por empresas do setor de serviços turísticos, como hotéis e restaurantes, por ser uma técnica interpretativa aplicada tanto a ambientes abertos quanto fechados. Complementa ao afirmar que no Brasil, como em outros países, os eventos são promovidos com inspiração no fato

³ Na primeira edição do seu livro, Costa (2009) nomeava essas mídias como guiadas e autoguiadas.

histórico, sendo determinante para uma apresentação interna ou externa a dimensão da interpretação, ou seja: o episódio.

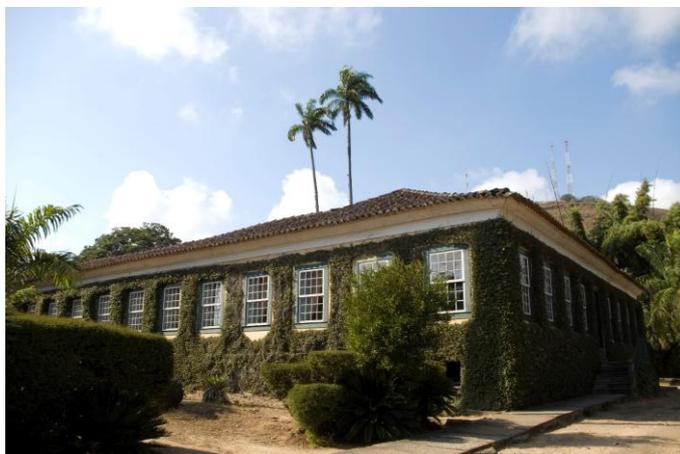
Considerando que a história viva ou ambientação de base histórica agrega valor ao turismo cultural, Silveira e Rejowski (2015) investigaram o patrimônio histórico como atração turística e analisaram as técnicas de interpretação empregadas em uma amostra de fazendas históricas remanescentes do Ciclo do Café no Vale do Paraíba no estado do Rio de Janeiro. Constataram a diversidade de eventos, como saraus, chás e bailes, além de visitas guiadas em edificações históricas, reconstituindo uma época de requinte e opulência da vida dos Barões do Café, que “fazem da região [...] um ícone da interpretação do patrimônio no Brasil” com base na história viva ou ambientação de base histórica (Silveira & Rejowski, 2015, p.13).

Neste momento, retoma-se a afirmação de Pires (2001), de que as pessoas, ao visitarem essas propriedades, sentem a sensação de uma volta no tempo e às suas origens com sentimentos de saudosismo e recordação. Essa técnica de interpretação de lugares, acervos e coleções, saberes e fazeres culturais são, portanto, um instrumento de comunicação não apenas com o visitante e o turista, mas também com o próprio habitante local, como é visto no caso apresentado a seguir.

CHÁ IMPERIAL DO MUSEU CASA DA HERA

Metodologia - Esta pesquisa desenvolveu-se conforme protocolo de um estudo de caso único (Yin, 2005), baseado em bibliografia, documentos e entrevistas abertas com os seus idealizadores e responsáveis pelo seu funcionamento. Assim, o enfoque é qualitativo, colocando o pesquisador como elemento chave para a coleta de dados no ambiente investigado, e assumindo um caráter descritivo para proceder a interpretação do fato ou fenômeno estudado. Registre-se que as entrevistas foram aplicadas entre 2001 e 2002 junto a três responsáveis pela concepção e execução do evento, que atuaram como diretoras do Museu Casa da Hera na época. As vistas *in loco* com a participação de um dos autores no evento foram coletadas durante toda a temporada de 2001, de maio a outubro, sempre no último final de semana de cada mês. Todos os registros desses dados foram utilizados nesta pesquisa como dados secundários e retrabalhados como fontes de pesquisa, sendo então complementados com o conteúdo de documentos selecionados.

Figura 1 – Fachada do Museu Casa da Hera, Vassouras, RJ, Brasil



Fonte: Museu Casa da Hera (2016).

A escolha do Chá Imperial, atrativo criado e apresentado pelo museu Casa da Hera desde o final da década de 1980, justificou-se por ser representativo de outros casos (Yin, 2005), uma vez que o seu formato foi copiado ou adaptado por outros eventos da região (Silveira & Rejowski, 2015); e também por favorecer a discussão de aspectos teórico-práticos da história viva e/ou ambientação de base histórica como técnica de interpretação do patrimônio histórico-cultural no contexto turístico. O evento foi analisado e discutido, considerando a sua origem e concepção, calendário, cenário, personagens da época, além de aspectos e elementos da encenação e da interpretação.

Concepção e definição do episódio - Os relatos de Wernek (1978) ilustram o significado e a origem do Chá das Cinco para as famílias da aristocracia cafeeira no Brasil. Segundo esse autor, era costume das famílias da alta sociedade reunir a família e convidados ilustres às cinco horas da tarde para o Chá e o Sarau acompanhado de música ao piano e iguarias culinárias. Explica que esse costume, que pode parecer estranho junto à elite cafeeira, era símbolo de status, pois “no Brasil, o chá por ser uma bebida vinda de uma cultura milenar, no caso a Chinesa, logo se tornou requintado servi-lo em ocasiões especiais” (Wernek, 1978, pp. 43-44). A recriação do Chá, como um evento que reproduzisse os hábitos das famílias dos Barões do Café no final do século XIX, teve como precursora da ideia a então diretora do Museu Casa da Hera, Ely Gonçalves, no final da década de 1980, assim descrita pela entrevistada: *“Essa ideia tinha como propósito promover o lazer cultural no contexto de época, tirar as pessoas do cotidiano e sem fantasia mostrar um episódio real de séculos passados, [...] levar conhecimento e troca de informação com interatividade”*.

Formou-se então um grupo de trabalho formado *“com a diretoria e funcionários de outros setores do museu, e a inspiração veio da observação e pesquisa sobre a living history na Inglaterra, técnica que estava sendo aplicada [na época] na reabertura de castelos”* (Isabel Rocha). A proposta inicial, em 1989, *“apesar do seu caráter pedagógico, não se restringia ao público estudantil, uma vez que buscava trazer de volta a comunidade para o museu, angariar fundos para novos projetos e, principalmente, revitalizar o Museu por meio de novos programas de visita”* (Ely Gonçalves). Naquele ano a então diretora, Isabel Rocha, em parceria com a Prefeitura Municipal e com o patrocínio do Hotel Mara Pálace lançou a ideia de recriar o Chá Imperial, com o objetivo de criar novos atrativos para atrair turistas ao município, sendo o museu a âncora do projeto.

[...] a viabilização do projeto só foi possível graças à parceria com o referido hotel. [...] A princípio o Iphan fez rigorosas críticas alegando que o espaço utilizado para a apresentação do chá bem como o Museu de uma maneira geral não comportaria esse tipo de evento, mas ao final deu apoio o que tornou possível a sua concretização (Isabel Rocha)

O evento foi baseado nos fatos ocorridos durante a década de 1870, um período marcante e decisivo para o futuro dos fazendeiros de café da região, quando a lavoura do café apresentava os primeiros sinais de decadência. Sant’Anna (2001), em seu livro sobre a história da vida privada dos barões e escravos no Vale do Paraíba, mostra com clareza a jovem elite da época, “nascida no luxo e criada na ociosidade [que] assumia o comando no Vale” (p.117). Essa autora descreve o cenário e os diálogos entre os personagens dessa sociedade, que mesmo no início da decadência do café não se atentavam para as mudanças, um cenário que parecia nunca ser ameaçado além do poder, luxo e riqueza daquele mundo (Sant’Anna, 2001). À tarde, como era de hábito, no salão reuniam-se membros da elite ao redor das mesas, discutindo política, mexericos e negócios:

Nesse cenário, inseria-se a família Teixeira Leite, cuja residência, chamada de casa da Hera⁴ (figura 1), pertenceu a Joaquim José Teixeira [1812-1872], um importante ‘capitalista do café’, que acumulou uma grande fortuna. Ele foi casado com Ana Esméria Pontes França e teve duas filhas, Francisca Bernardina e Eufrásia, sendo esta última “uma das figuras mais conhecidas da história de Vassoura” (Casa da Hera, 2016, s.p.)

Há farta literatura sobre a vida desses e de outros personagens da época, rica em detalhes para a compreensão do cotidiano da sociedade cafeeira (Catharino, 1992; Lage, 2010; Fernandes, 2012; Melo & Falci 2004, 2012). Silveira (2002) destaca a importância da residência dessa família, que “se transformou no centro dos negócios da cafeicultura fluminense e nacional no auge da produção” (p.28). Particularmente sobre a personagem central, Eufrásia Teixeira Leite (1859-1930), que viveu parte da sua vida em Paris, é retratada como mulher liberal com personalidade forte, considerada uma das mais belas mulheres da época [figura 2]. Sua vida apresenta fatos curiosos como o seu romance com Joaquim Nabuco⁵ por quatorze anos.

Após o seu falecimento, doou em testamento a residência às “Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, proprietárias do então Colégio Regina Coeli, no Rio de Janeiro, com uma cláusula que garantia a indissolubilidade e manutenção da integridade da construção e de seus objetos”. A propriedade foi tombada pelo IPHAN na década de 1950, que o assumiu na década seguinte e criou o museu Casa da Hera em 1968 (Casa da Hera, 2016)

Figura 2 – Pintura a óleo de Eufrásia Teixeira Leite



Fonte: Casa da Hera (2016).

⁴ A hera (planta trepadeira) não existia originalmente na casa, mas em 1887 foi plantada pelo jardineiro, “Manuel da Silva Rebello, o caseiro que ficou responsável pela casa após a partida de Eufrásia e sua irmã para a Europa” (Casa da Hera, 2016).

⁵ Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo (1849-1910) foi importante personagem da história do Brasil na época do Império, tendo atuado de forma destacada como diplomata e político, além de orador, poeta, historiador e jurista, que apesar de sua origem e educação em família escravocrata, defendeu os escravos.

Formato e elementos da encenação - O Chá Imperial foi realizado no Museu Casa da Hera por treze anos de forma consecutiva e ininterrupta, de maio a outubro, no período de 1989 a 2002, com apresentações no último final de semana de cada mês em duas sessões, com duração aproximada de uma hora, para grupos de até 18 pessoas além dos intérpretes. De acordo com Isabel Rocha (2001), *“esse período do ano coincide com o costume de servir o chá mais no inverno, daí apresentá-lo numa revitalização de história viva fora desta época poderia até não implicar numa descaracterização, mas não seria coerente com a história”*.

Durante esse período o calendário foi rigorosamente cumprido assim como o número máximo de participantes por sessão, face à capacidade do espaço físico utilizado e conforto dos participantes. Com relação ao ambiente e utensílios, Isabel Rocha (2001) informou que, *“por razões de segurança e preservação, os utensílios utilizados na encenação eram réplicas, como a mesa onde os convidados eram recepcionados pela Sinhazinha Dona Eufrásia, o fogão que embora seja de época não pertencia ao museu”*. Naquele ambiente rústico e de época o evento foi apresentado pela primeira vez em maio de 1989, como um evento histórico com trajes, objetos e gastronomia da época. *“Tudo acompanhado de uma mesa farta onde não faltava o Chá preparado com camomila, erva doce, cidreira e chá mate em um antigo fogão a lenha e mais as delícias da culinária vassourense e do Vale do Paraíba em geral”* (Silveira, 2002, p. 30).

A repercussão das apresentações iniciais, que contaram com 18 participantes em cada sessão, foi imediata e surpreendente, *“com solicitação de pedidos de apresentação por meio do hotel que apoiou o projeto”*, conforme Isabel Rocha. Com relação ao preço cobrado, ela comentou que *“para o visitante participar era acessível, porém, para a população local foi considerado fora da realidade”*, o que gerou questionamentos uma vez que a proposta era de aproximar a população ao museu. A sessão durava em média entre uma a uma hora e meia, isto porque o público participava diretamente da narrativa, promovendo a interação dos intérpretes com os convidados (turistas e visitantes).

A história e o episódio interpretados se baseavam no cotidiano e na história de vida de Dona Eufrásia ou Eufrazinha, a Sinhazinha⁶, mulher da alta sociedade que cultuava o hábito do Chá das Cinco, acompanhado de sarau no ano de 1870. A reprodução desse costume pelo museu estava, portanto, ligada à família proprietária da mansão naquele período, em cujo terreno havia outrora uma plantação de chá cultivado e consumido pela família. Os intérpretes eram três – duas Mucamas e a Sinhazinha, ambas vestidas a caráter com figurinos da época em que o episódio era retratado. As primeiras recepcionam os visitantes e os serviam com iguarias, preparando-os para receber a anfitriã – a Sinhazinha [figura 3], interpretada pela diretora do museu, sendo as suas principais protagonistas Ely Gonçalves e Marília Dias.

A partir do momento da chegada da Sinhazinha, começava a prosa, tratando de assuntos recorrentes na sociedade aristocrática cafeeira daquele período (Silveira, 2002). Nesse momento, os visitantes se transportavam para aquele mundo, viajando no tempo e no paladar de uma época:

[Na] cozinha do casarão coberto de heras, decorado com objetos originais de época, sentados ao redor de uma mesa, dezoito visitantes cerimoniados por duas *Mucamas* se deliciam com as

⁶ Os escravos tratavam a patroa, esposa do proprietário da fazenda, como Sinhá e as suas filhas pelo diminutivo desta palavra, ou seja, sinhazinha ou sinhá-moça.

iguarias da culinária da época recepcionadas pela Sinhazinha, uma anfitriã especial que usa uma linguagem de época com muita hospitalidade (Silveira, 2002, p. 28 e 31).

A figura 3 mostra a preparação das iguarias e do chá pelas mucamas a ser oferecido aos visitantes e turistas no Chá Imperial. O cuidado com a recuperação dos costumes foi percebido em vários momentos da encenação, como no caso das iguarias, e confirmado por Isabel Rocha: *“a pureza dos produtos era um ponto essencial para a autenticidade. [...] Tudo o que era servido no chá aos convidados era consumido pelas famílias da época, conforme pesquisa baseada em autores da época como José de Alencar e Machado de Assis”*. Sobre as iguarias servidas aos visitantes e as técnicas de preparo da época utilizadas para o preparo ela descreveu com riqueza de detalhes o manê:

[...] que no chá antigo, hoje seria o rocambole, um bolo tradicional que não podia faltar nas mesas fartas. [...] o chá era preparado com ervas em um coador grande. [...] Os demais produtos (bolos, doces, geleias, biscoitos, pães, broas, roscas, manteiga) eram feitos com os ingredientes adquiridos ou colhidos na cidade ou região e processados por doceiras artesanais da região, com o cuidado de resgatar até mesmo o saber fazer da época (Isabel Rocha)

Figura 3 - Mucamas preparando as iguarias e o chá na cozinha do Museu casa da Hera



Fonte: Museu Casa da Hera (2001)

Com relação à participação da população, esta foi decrescendo após 1993, face ao interesse crescente dos turistas e visitantes de outras regiões, cidades e Estados, e até do exterior. *“A repercussão dos efeitos no comércio local com este tipo de evento despertou pouco interesse, exceto o hotel que patrocinou a produção desde o início, e os souvenirs que podiam ser adquiridos na loja do museu, como réplicas de objetos relacionados à família de Eufrásia [miniaturas de roupas e utensílios]”* (Isabel Rocha).

As receitas e as despesas eram contabilizadas em livro caixa gerenciadas pelo próprio museu, cujo lucro era aplicado em parte no próprio chá, para as próximas apresentações, e na conservação, higienização e manutenção em geral do museu, e o restante em *“cursos de guias locais [monitores] e de conservação de fotografias, manutenção de eletrodomésticos e outras despesas do museu”* (Isabel Rocha). Para evitar qualquer tipo de desconforto e descaracterização ateu-se aos detalhes da proposta inicial e em nenhum das sessões do período ultrapassou o número máximo de participantes definido. Essa medida chegou a gerar críticas pelos representantes do mercado turístico por haver uma demanda reprimida.

Outro aspecto refere-se à sucessão dos intérpretes, uma incógnita já que não existia preocupação em preparar outras pessoas para dar continuidade ao evento: “os sucessores deveriam se preparar no dia a dia do cotidiano do museu de forma interativa e espontânea”. O problema é que não existia um roteiro, um texto escrito da encenação e das falas dos personagens, ou seja, um registro detalhado da encenação do Chá Imperial para guiar essa preparação. Como a Sinhazinha era interpretada por pessoas com conhecimento do fato histórico e dos costumes da época, especialmente Isabel Rocha, profunda conhecedora da vida do Barões do Café e da história de Vassouras, e as Mucamas não tinham fala durante a encenação, a prosa ocorria de forma espontânea e interativa em uma roteirização não formal.

Uma alternativa para a continuidade do evento era a de abrir espaço para que interessados (estudiosos pesquisadores, estudantes da área, ou mesmo atores profissionais) tivessem a oportunidade de trabalhar na produção dos episódios, ou em outros projetos de interpretação patrimonial, onde a empresa patrocinadora vincularia seu nome. Outros projetos de interpretação com base na história viva foram avaliados para serem apresentados, como novos episódios da vida dos Barões do Café da região, mas não se concretizaram.

Considera-se que o fato histórico foi retratado fielmente e com originalidade, a partir da aplicação da técnica de ambientação de base histórica (Pires, 2001) ou de história viva (Costa, 2014), dentro dos padrões que esta ferramenta exige quanto à utilização do espaço físico, dos objetos materiais, da encenação e da performance dos ‘atores’. Como evento com tema histórico, celebrou uma tradição da sociedade do Brasil Império, mediante o resgate de valores a partir do aproveitamento turístico de seus bens patrimoniais. Se por um lado o Chá alcançou o status de principal atração turística de Vassouras, em contrapartida o crescimento da demanda veio a comprometer a sua continuidade no interior do museu quanto aos seus objetivos primários.

A interpretação patrimonial aplicada no Chá Imperial do Museu Casa da Hera fez renascer a identidade dos próprios residentes, que passaram a tomar conhecimento das suas origens, tradições, hábitos e costumes dos seus antepassados. O evento pode ser configurado como um laboratório experimental de interpretação patrimonial, fonte de referência para outros eventos similares que surgiram em toda a região, em especial nas casas sede das fazendas com o interesse dos seus proprietários em agregar valor ao seu produto turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o Chá Imperial do Museu Casa da Hera, inicialmente pautado por um caráter educativo sem objetivos comerciais ou turísticos, levou sua apropriação pelo turismo como um atrativo gerador de demanda à região. A permanência do evento no período do seu funcionamento, é um dos fatores que lhe deu credibilidade e autenticidade merecendo este estudo de resgate da sua trajetória. Ao fazer uso da interpretação patrimonial com o recurso da história viva ou ambientação de base histórica, o Museu promoveu um evento que é referência dessa técnica no país, e resgatou parte da história do Ciclo do Café no Vale do Paraíba Fluminense.

As transformações sociais fizeram desta mesma tradição que originou o hábito do Chá, outrora privilégio de uma minoria, uma atração onde se reproduziu da maneira próxima ao real os costumes de uma elite, mas que no âmbito do turismo de lazer cultural significa uma releitura do passado. Nesse sentido, configura-se como um modelo para encenação de episódios

históricos que recorrem às técnicas interpretativas não apenas na linha pedagógica educacional, mas também na sua aplicabilidade em projetos que visem o turismo cultural.

Ao mesmo tempo, sinalizou que o requinte aristocrático da época poderia ser uma boa oportunidade de negócio, um nicho de mercado na reutilização de espaços históricos, iniciativa que se tornou referência de modelo a ser adotado em estabelecimentos hoteleiros e outros espaços públicos, como museus e casas históricas em propriedades urbanas e rurais. É o tipo de evento que consegue romper as barreiras éticas entre negócio em bens patrimoniais e as funções desses como museu, casas históricas entre outros.

Como observação final, espera-se que este estudo estimule novas pesquisas sobre um tema instigante e promissor, que pode descortinar uma vertente do turismo cultural pouco aprofundada no Brasil, a partir tanto da compreensão e análise de outras experiências similares ou inovadoras, como também da sua contribuição para um turismo não predatório. É importante ressaltar que outras possibilidades existem e podem ser exploradas relacionadas ao ciclo do café no Vale do Paraíba em ambas as regiões, fluminense e paulista. Mas além disso, é preciso resgatar outras iniciativas de interpretação do nosso patrimônio cultural, acompanhar e discutir outras experiências não apenas no Brasil, avançando na teoria e na prática da ambientação de base histórica ou *living history* em Turismo.

REFERÊNCIAS

- Araujo, G. A. (2008). *Turismo e interpretação do patrimônio natural e cultural na região do Museu Aberto do Descobrimento*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (Bahia), Brasil.
- Casa da Hera. (2016). [História](#).
- Catharino, E. J. C. R. (1992). *Eufrásia Teixeira Leite: fragmentos de uma existência*. Edição do autor, 1992.
- César, P. A. B. & Stigliano, B. V. (2000). [Turismo rural no vale do Paraíba: estudo de modelos](#). *Turismo em Análise*, São Paulo 11(2): 90-97.
- Costa, F. R. (2009). *Turismo e patrimonio cultural*. São Paulo, Senac.
- Costa, F. R. (2014). *Turismo e patrimonio cultural*. São Paulo, Senac.
- Delamaro, M. C. et al. (2002). [Turismo nas fazendas históricas do Vale do Paraíba Fluminense: um estudo sobre sustentabilidade](#). *Caderno Virtual de Turismo*, 2(4), 11-17.
- Dencker, A. de F. M. (2007). *Pesquisa em turismo*. Planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Saraiva.
- Fernandes, N. (2012). *Eufrásia e Nabuco*. Rio de Janeiro, Mauad.
- Horta, M. de L. P., Grunberg, E. & Monteiro, A. Q. (1999). [Guia básico de educação patrimonial](#). Brasília: IPHAN, Museu Imperial.
- Lage, C. (2010). *Mundos de Eufrásia*. Rio de Janeiro: Record.

- Melo, H.P. & Falci, M.B.K. (2004). Eufrásia e Nabuco: uma história de desencontros amorosos. *Revista do IHGB*, 165(423), 313-316.
- Melo, H.P. & Falci, M.B.K. (2012). *A sinhazinha emancipada: Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.
- Murta, S.M. & Albano, C. (2002). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Sebrae.
- Murta, S.M. & Goodey, B. (1995). *Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia*. Belo Horizonte: Sebrae.
- Murta, S.M. & Goodey, B. (2002). Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: Murta, S. M. & Albano, C. [Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar](#). Belo Horizonte, Sebrae-MG.
- Pérez, X. P. (2009). *Turismo cultural*. Uma visão antropológica. Tenerife: ACA, Pasos.
- Pires, M.J. & Basso, M. C. (1992). [Ambientação de base histórica: uma expressão de marketing](#). *Turismo em Análise*, 3(2), 44-51.
- Pires, M.J. (2001). *Lazer e turismo cultural*. São Paulo: Manole.
- Sant'Anna, S. (2001). *Barões e escravos do café: uma história privada do Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schlüter, R. & Winter, G. (1993). *El fenómeno turístico: reflexiones desde una perspectiva integradora*. Buenos Aires: Fundación Universidad a Distancia Hernandarias.
- Silveira, A.S. & Rejowski, M. (2015). Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense, Brasil. *Anais... IX Congreso SOCIETUR – Turismo – Patrimônio*. San Felipe, Los Andes.
- Silveira, A. S. (2002). *Ambientação de base histórica: ferramenta de incremento do Turismo*. O exemplo de Vassouras, RJ. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Silveira, A. S. (2007). *Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba fluminense*. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Silveira, A.S. (2015). [Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense: apontamentos para uma pesquisa futura](#). *Anais... XII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação - ANPTUR*.
- Tilden, f. (1957). *Interpreting our heritage: principles and practices for visitor services in parks, museums, and historic places*. Chapel Hill: University of North Carolina.
- Tilden, F. (2006). *La interpretación de nuestro patrimonio*. Sevilla: Asociación para la Interpretación del Patrimonio.

Werneck, L.P. de L. (1978). Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro. In: Braga, G. H. F. (org.). *De Vassouras história fatos gente*. Vassouras: Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

Whitaker, V.A. et al. (2011). [Memória ambiental, cultural e turismo no Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul: design de uma pesquisa](#). *Revista Hospitalidade*, São Paulo, 8(2), 91-102.

Yin, R. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Recebido: 29 AGO 2016

Avaliado: SET

Aceito: 27 SET 2016